

Associação

Se o homem pudesse contemplar com os próprios olhos as correntes de pensamento, reconheceria, de pronto, que todos vivemos em regime de comunhão, segundo os princípios da afinidade.

A associação mora em todas as coisas, preside a todos os acontecimentos e comanda a existência de todos os seres.

Demócrito, o sábio grego que viveu na Terra muito antes do Cristo, asseverava que “os átomos, invisíveis ao olhar humano, agrupam-se à feição dos pombos, à cata de comida, formando assim os corpos que conhecemos”.

Começamos agora a penetrar a essência do microcosmo e, de alguma sorte, podemos symbolizar, por enquanto, no átomo entregue à nossa perquirição um sistema solar em miniatura, no qual o núcleo desempenha a função de centro

vital e os electrões a de planetas em movimento gravitativo.

No plano da Vida Maior, vemos os sóis carregando os mundos na imensidade, em virtude da interação eletromagnética das forças universais.

Assim também, na vida comum, a alma entra em ressonância com as correntes mentais em que respiram as almas que se lhe assemelham.

Assimilamos os pensamentos daqueles que pensam como pensamos.

E' que sentindo, mentalizando, falando ou agindo, sintonizamo-nos com as emoções e ideias de todas as pessoas, encarnadas ou desencarnadas, da nossa faixa de simpatia.

Estamos invariavelmente atraindo ou repelindo recursos mentais que se agregam aos nossos, fortificando-nos para o bem ou para o mal, segundo a direção que escolhemos.

Em qualquer providência e em qualquer opinião, somos sempre a soma de muitos.

Expressamos milhares de criaturas e milhares de criaturas nos expressam.

O desejo é a alavanca de nosso sentimento, gerando a energia que consumimos, segundo a nossa vontade.

Quando nos detemos nos defeitos e faltas dos outros, o espelho de nossa mente reflete-os,

de imediato, como que absorvendo as imagens de-
primentes de que se constituem, pondo-se nossa
imaginação a digerir essa espécie de alimento,
que mais tarde se incorpora aos tecidos sutis de
nossa alma. Com o decurso do tempo nossa
alma não raro passa a exprimir, pelo seu veícu-
lo de manifestação, o que assimilara, fazendo-o,
seja pelo corpo carnal, entre os homens, seja
pelo corpo espiritual de que nos servimos, de-
pois da morte.

E' por esta razão que geralmente os censores do procedimento alheio acabam praticando as mesmas ações que condenam no próximo, por quanto, interessados em descer às minúcias do mal, absorvem-lhe inconscientemente as eman-
ções, surpreendendo-se, um dia, dominados pelas forças que o representam.

Toda a brecha de sombra em nossa perso-
nalidade retrata a sombra maior.

Qual o pequenino foco infeccioso que, aban-
donado a si mesmo, pode converter-se dentro de algumas horas no bolo pestífero de imensas proporções, a maledicência pode precipitar-nos no vício, tanto quanto a cólera sistemática nos arrasta, muita vez, aos labirintos da loucura ou às trevas do crime.

Pensando, conversando ou trabalhando, a
força de nossas ideias, palavras e atos alcança,

de momento, um potencial tantas vezes maior quantas sejam as pessoas encarnadas ou não que concordem conosco, potencial esse que tende a aumentar indefinidamente, impondo-nos, de retorno, as consequências de nossas próprias iniciativas.

Estejamos, assim, procurando incessantemente o bem, ajudando, aprendendo, servindo, desculpando e amando, porque, nessa atitude, refletiremos os cultivadores da luz, resolvendo, com segurança, o nosso problema de companhia.

